

O pensamento pedagógico freiriano assume uma opção de classe e se propõe à mudança das condições de vida daqueles a quem escolheu. É uma opção política comprometida com a transformação do mundo. Nas primeiras palavras da Pedagogia do Oprimido, Freire esclarece a quem escreve, nestas palavras que impressionam pela dureza e ternura, e ao mesmo tempo comprometem o leitor e a leitora a descobrir-se, solidarizar-se e lutar a partir desta descoberta.

Entender que existem desigualdades e que elas não são naturais, mas que são resultados de uma ordem social injusta, é fundamental para adentrar no pensamento de Freire. São estas injustiças que fazem os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres e esfarrapados. Porém, não basta apenas compreender esta conjuntura e assumir uma postura de sofrimento solidário, de pena.

Na verdade, não estamos, por ler Paulo Freire, obrigados a esta mudança. Mas estamos sendo convidados, amorosamente, a nos re-vermos, e talvez nos re-descobrirmos. Esta nova descoberta poderá nos colocar em um novo movimento em direção oposta ao que vínhamos fazendo, ou vir à re-afirmar tudo o que já fizemos, nos impulsionando nos rumos tortuosos, mas necessários de serem percorridos, pela libertação.

Descobrir-se é comprometer-se. Isso implica ler e assumir uma postura de acordo com a descoberta. Esquecer alguns vícios autoritários e conservadores e substituí-los por práticas libertadoras independente do espaço que ocupamos, seja pedagógico, político, como liderança popular.

Ivanio Dickmann  
organizador



Vamos dialogar sobre  
o Poder da Educação? Vol. III

Ivanio Dickmann  
organizador

Volume III



# Vamos dialogar sobre o Poder da Educação?

Ivanio Dickmann  
organizador

VAMOS DIALOGAR  
SOBRE O PODER DA EDUCAÇÃO?  
VOL III

Ivanio Dickmann  
[Organizador]

É preciso termos em mente que os grupos populares são perfeitamente capazes de aprender a significação do discurso teórico.

E isso é apreendido em outra linguagem, com outra vestimenta; o que eles não vão entender é a linguagem difícil e complexa.

Paulo Freire

Ivanio Dickmann  
[Organizador]

# VAMOS DIALOGAR SOBRE O PODER DA EDUCAÇÃO?

VOL III

NOTA: Dado o caráter interdisciplinar desta coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas bibliográficas utilizadas por cada autor. A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores e da instituição com as ideias publicadas.

IMPORTANTE: Muito cuidado e técnica foram empregados na edição deste livro. No entanto, não estamos livres de pequenos erros de digitação, problemas na impressão ou de alguma dúvida conceitual. Avise-nos por e-mail: [cida.dialogar@gmail.com](mailto:cida.dialogar@gmail.com)

© **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.** Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Diálogo Freiriano  
Veranópolis - RS  
2023



## CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann - Brasil  
Aline Mendonça dos Santos - Brasil  
Fausto Franco Martinez - Espanha  
Jorge Alejandro Santos - Argentina  
Martinho Condini - Brasil  
Miguel Escobar Guerrero - México  
Carla Luciane Blum Vestena - Brasil  
Ivo Dickmann - Brasil  
José Eustáquio Romão - Brasil  
Enise Barth - Brasil

## EXPEDIENTE

Editor Chefe: Ivanio Dickmann  
Diagramação: Maria Aparecida Nilen

## FICHA CATALOGRÁFICA

V216 Vamos dialogar sobre o poder da educação? / Ivanio Dickmann  
(Organizador). – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2023. (v. 3)

ISBN 978-65-80183-68-5

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Educação - Finalidade e objetivos. 3. Sociologia educacional. I. Dickmann, Ivanio. II. Série.

2023 0255

CDD 370.1 - (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos - CRB 14/1056

## EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO

[CNP] 20.173.422/0001-76]  
Rua General Flores da Cunha, 172 - apto. 2401  
Centro, Veranópolis - RS - CEP 95.330-000  
cida.dialogar@gmail.com  
www.dialogofreiriano.com.br  
Whatsapp: [54] 98428.3547

## SUMÁRIO

### VAMOS DIALOGAR SOBRE O PODER DA EDUCAÇÃO? VOL III

Ivanio Dickmann ..... 9

### A CRIANÇA NEGRA E A REPRESENTATIVIDADE RACIAL NA ESCOLA

Carolina Zolin Carneiro, Maria José de Oliveira Russo ..... 11

### SAÚDE MENTAL, EDUCAÇÃO E RACISMO: PRÁTICAS INVENTIVAS NO ÂMBITO DA PSICOLOGIA

Tess Rafaella Lobato de Oliveira, Flávia Cristina Silveira Lemos, Károl Veiga Cabral, Márcio Mariath Belloc, Daniele Vasco Santos ..... 25

### NEOCONSERVADORISMO E MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO MICROFASCISTAS NA BNCC

John Lennon Lima e Silva, Fauston Negreiros, Flávia Cristina Silveira Lemos, Arthur Elias Silva Santos, Valmir Vasconcelos Moreira ..... 33

### FRIDA KAHLO: A POTÊNCIA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA FEMINISTA LATINO-AMERICANA

Flávia Cristina Silveira Lemos, Jéssica Modinne de Souza e Silva, Rachel de Siqueira Dias, Valmir Vasconcelos Moreira, Valber Luiz Farias Sampaio ..... 54

### HISTÓRIA E BIOPOLÍTICA NA PESQUISA COM ARQUIVOS NA EDUCAÇÃO

Leila Cristina da Conceição Santos Almeida, Flávia Cristina Silveira Lemos, Cláudia Cristina da Conceição Santos, Márcia Cristina Santos Oliveira ..... 63

### RACISMO E A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DO BOM COMBATE

Irene Genecco de Azambuja ..... 78

### AS ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS DE UM MESTRE: ENTRE AS EXTRAÇÕES DO PROGRESSO E O REFINO DA COOPERAÇÃO

João Batista Nunes Filho, Josineide Silveira de Oliveira ..... 91



O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A  
LEGISLAÇÃO VIGENTE E DESAFIOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL  
Josely Ferreira Ribeiro, Vera Rudge Wernek, Bianca Silva Martins, Denize  
Amorim, Enoghalliton de Abreu Arruda .....105

UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA DE ENSINO/ORIENTAÇÃO: A PRESENÇA  
DE FREIRE NA ESPECIALIZAÇÃO EM ESPAÇOS E POSSIBILIDADES  
PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA  
Luciane Rocha Ferreira Pielke .....119

A REALIDADE AUMENTADA NO COTIDIANO ESCOLAR:  
FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR E INOVADORA NO PROCESSO  
ENSINO-APRENDIZAGEM  
Luciano Barroso de Carvalho .....135

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE TENSÃO: O CORPO EM MOVIMENTO  
COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA HUMANIZADA  
Marcel Cavalcante de Souza.....141

LUGAR DE PRETO É NA SALA DE AULA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA  
COMO LUTA E PERTENCIMENTO  
Marcelo Teixeira.....159

VIDAS (NEGRAS) IMPORTAM?! - BRASIL PARALELO, A *NETFLIX* DO  
REVISIONISMO HISTÓRICO  
Márcia Elisa Teté Ramos, Joana Máximo da Silva.....170

A BNCC, SUA POLÍTICA DE ALINHAMENTO E AÇÕES PARA A  
EDUCAÇÃO: A QUEM SERVE?  
Núbia Almeida Duarte Oliver, Maria Geralda Oliver Rosa.....193

REFLEXÕES ACERCA DA LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE  
LÍNGUA MATERNA E FORMAÇÃO DOCENTE  
Maria Inês Ferreira da Silva, Marinete Midões Bastos, Eliane do Socorro Ferreira  
da Silva, Rosiane do Socorro Carvalho dos Santos .....207

ENSINANDO MATEMÁTICA COM MÚSICA AMBIENTE: O EFEITO DA  
EMOÇÃO NO APRENDIZADO  
Djailton Thomé da Silva, Marcelo Valente de Souza, Taynara Martins da Silva ... 216



A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA AFIRMATIVA DE PERSONAGENS  
NEGROS NA LITERATURA INFANTIL  
Marizete Marques da Silva, Bárbara Portilho Teixeira .....233

IMPLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO A  
DISTÂNCIA  
Daniela Rodrigues, Lindalva Silva, Marta Brizolla, Rosemari Pommer, Barbara  
Bazanella, Juliana Vargas, Geni Vieira Góis ..... 248

HISTORIOGRAFIA DO CEARÁ  
Mateus Sérgio Bezerra Junior ..... 254

EDUCAÇÃO MARXISTA: A POLITÉCNICA DE LÊNIN E A ESCOLA  
UNITÁRIA DE GRAMSCI  
Antônio Custódio Lopes, Naider Tadeu Porcel ..... 262

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM LABORATÓRIO: SOLUÇÕES NOVAS  
PARA OS ANTIGOS PROBLEMAS  
Neuza Maria Cechetti ..... 271

REFLEXÃO E RELATO DE MINHA VIVÊNCIA ACADÊMICA: OS  
ESTÁGIOS NO CURSO DE LETRAS UFMT/CUA  
Lia Cupolillo, Odorico Ferreira Cardoso Neto .....277

APRENDIZADO SIGNIFICATIVO: DA INTER-  
TRANSDISCIPLINARIDADE A TRANSVERSALIDADE NA FORMAÇÃO  
DO CONHECIMENTO DO ADMINISTRADOR  
Regina Cleide Figueiredo da Silva Teixeira, Ivandi Silva Teixeira .....303

INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: BREVES  
CONSIDERAÇÕES  
Sonia Francisco Klein ..... 324

HISTÓRIA E ATIVISMO INDÍGENA ATRAVÉS DA *ESCRITA DE SI*: POR  
UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL  
Viviane Kate Pereira Ramos .....336

DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO E CIDADANIA: UMA REFLEXÃO  
CRÍTICA  
Washington Lopes da Silva .....358

EDUCAÇÃO E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, TERRITÓRIO E  
CONTEXTOS DE RESISTÊNCIAS DE SUBJETIVIDADES INSURGENTES  
Tatiane Moraes Chagas, Flávia Cristina Silveira Lemos, Arthur Elias Silva Santos,  
Valmir Vasconcelos Moreira, Valber Luiz Farias Sampaio .....369

ÍNDICE REMISSIVO ..... 381



## VIDAS (NEGRAS) IMPORTAM?! - BRASIL PARALELO, A NETFLIX DO REVISIONISMO HISTÓRICO

Márcia Elisa Tetê Ramos<sup>1</sup>  
Joana Máximo da Silva<sup>2</sup>

### Introdução

Aproximadamente desde 2013, o Brasil tem vivenciado a tensificação de tensões políticas se desdobrando em uma disputa de narrativas, muitas vezes envolvendo a História. Essas tensões e disputas de narrativas podem ser vistas como componentes configuradores do golpe de 2016 (aliás, mesmo ano de nascimento da Brasil Paralelo, objeto de nosso estudo), que destituiu Dilma Rousseff da presidência. São narrativas usurpadoras do conhecimento histórico, mas que, a nosso ver, expressam revisionismos e negacionismos por não serem científicas, lembradas para justificar concepções de extrema-direita. Embora seja importante as concepções históricas circularem na sociedade, esse tipo de “história” faz um uso político do passado, ora silenciando algumas informações, ora deturpando outras, no sentido de mobilizar estratégias de convencimento sobre determinado tema relegando a consistência teórico-metodológica do fazer historiográfico.

Nosso objetivo é analisar um dos três vídeos da Brasil Paralelo<sup>3</sup> intitulado “Vidas (negras) importam”, que propõe divulgar o que entendem como “pautas ocultas” do movimento negro. Para essa empreitada, empregamos uma análise do vídeo transcrevendo as narrativas orais e imagéticas que entendemos como mais significativas segundo o tema que nos propusemos tratar, sempre tendo em vista fornecer aos estudantes as condições favoráveis para a construção do conhecimento histórico mais plausível segundo a ciência histórica.



Para Ramos (2018), apesar de grande parte dos historiadores privilegiarem a metodologia da história em seu ofício, seus discursos não alcançam suficientemente o grande público. Há uma inclinação dos grupos midiáticos que se autoproclamam detentores da verdadeira história de simplificarem a história, relativizando os acontecimentos históricos complexos, optando pelos fatos que melhor legitimam suas narrativas. É grande a abrangência dessas narrativas simplificadas, o que nos permite afirmar que são de conotação pedagógicas, ou seja, “ensinam” história à sociedade, provavelmente com mais poder de persuasão do que a escola formal.

Diante dessa realidade perpassada por esse tipo de mídia, ensinar história assume cada vez mais a função de desmontagem de noções, concepções e (pre)conceitos equivocados sobre o passado na sua relação com o presente. Por isso, Brasil Paralelo no presente texto, torna-se motivo de desconstrução, na medida em que provavelmente é assistido por nossos estudantes, se não integralmente (porque são vídeos pagos), de forma fragmentada e intermitente (porque algumas “aulas” são grátis e várias “chamadas” são veiculadas em redes sociais virtuais).

Asseverou Albuquerque Junior que escrever ou ensinar história, é uma forma de realizar (d)efeitos nas memórias canonizadas, oficiais, monumentalizadas, cristalizadas, motivo de comemorações e efemérides. Obedecendo regras metodológicas definidas institucionalmente e criadas pela intersubjetividade historiadora, a história tem o significado último de, pela pesquisa, pela escrita e pelo ensino, formar sujeitos capazes de desfazer e retramar enredos históricos desvirtuados, argumentando sobre conteúdos defensáveis segundo a ótica da ciência e da ética democrática (ALBUQUERQUE JR, 2012).

Pensando nessa problemática, de que o revisionismo não científico, conservador se espalha na sociedade cooptando para o preconceito e para a intolerância, principalmente jovens estudantes usuários por excelência das redes sociais digitais, que iniciamos com uma breve história sobre Brasil Paralelo, para posteriormente tratar do episódio “Vidas (negras) importam”<sup>4</sup>.

Ao nosso ver, ensinar história é fornecer condições para que o estudante construa o conhecimento histórico. Para isso, fundamental é lidar com práticas investigativas abalizadas nas evidências, na problematização, nos conceitos, pressupostos e procedimentos metodológicos próprios da ciência histórica, de

<sup>1</sup> Docente do curso de História da Universidade Estadual de Maringá. Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino de História (UEM). Coordenadora da Residência Pedagógica de História (UEM). Doutorado em Educação na UFPR e pós-doutorado na USP.

<sup>2</sup> Formada Técnica em Informática pelo IFPR e graduanda em História pela UEM. Pesquisadora bolsista da Universidade Sem Fronteiras (USF/SETI) e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afrobrasileiro (NELAB-UEM).

<sup>3</sup> O título do trabalho faz relação a matéria publicada na revista Forbes em março de 2021 escrita por Alejandro Chafuen, quando a BP foi descrita como “uma Netflix pró-sociedade livre ou History Channel”, com mais de 1,6 milhões de inscritos no YouTube, dos quais cerca de 10% são assinantes. Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>4</sup> É partindo dessas premissas que as autoras trabalham, Márcia como orientadora e Joana como orientanda da Iniciação Científica do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Vale ressaltar que Joana é responsável pela maior parte da escrita do texto.

forma responsável e crítica, por isso tomamos esse episódio como “fonte histórica” a ser interpretada.

### Brasil Paralelo: uma breve história do grupo que quer contar outra história

Como dissemos, o presente trabalho discute a construção da narrativa “histórica” de convencimento da Brasil Paralelo (que a partir daqui chamaremos de BP), compreendendo que o que é construído pode ser desconstruído, no caso, com o intuito da desmontagem de uma concepção que para nós se encontra na contramão da ciência, por isso problemática. Para essa crítica, optamos pelo terceiro episódio da minissérie “As Grandes Minorias”, intitulado “Vidas (Negras) Importam”, uma produção original da Brasil Paralelo, com direção, produção e roteiro de Henrique Zingano. O vídeo publicado em 27 de novembro de 2020 na página do *YouTbe*<sup>5</sup> da produtora apresenta 41 minutos e 6 segundos de duração, contando cerca de 400.000 visualizações e mais de 3.000 comentários, além de apresentar um artigo escrito pela BP complementar à discussão sobre o movimento *Black Lives Matter* (daqui por diante chamado BLM)<sup>6</sup>. De acordo com a produtora, esse episódio pretende mostrar as entrelinhas do BLM, sua história supostamente mal contada. Para contar outra história, a produtora convidou o historiador Thaddeus Russell, formado na *Antioquia College*, com PhD em História pela *Columbia University*. Atualmente, Russel é professor de História e Estudos Culturais no *Occidental College*.

Conforme a biografia disponível em seu site, Russell durante sua passagem na *Columbia* realizou pesquisas no campo do materialismo histórico, porém, gradualmente vai dando uma “virada à direita” escolhendo para sua dissertação escrever sobre “o mais famoso, indiscutivelmente o mais popular, politicamente o mais retrógrado e historicamente o líder trabalhista mais ignorado de todos os tempos — Jimmy Hoffa” (RUSSEL, s/d)<sup>7</sup>, o que lhe rendeu durante a defesa de sua dissertação a repreensão de um membro do departamento por “escrever uma história ‘irresponsável’”. Porém, um ano após o ocorrido sua dissertação foi publicada por Alfred Knopf, em um livro intitulado, “*Out of The Jungle: Jimmy Hoffa and The Remaking of The American Working Class*”<sup>8</sup>. Escrever sobre Jimmy Hoffa, líder sindical norte-americano, presidente do *International Brotherhood of Teamsters* de 1957 até 1971, o maior

sindicato nos Estados Unidos na época, então ligado ao crime organizado, serviu ao propósito de desqualificar os sindicatos, o movimento dos trabalhadores e a questão do Estado de Bem Estar-Social.

Tendo em vista a tendência da Brasil Paralelo de reescrever a História e apresentar o que entendem por face oculta dos fatos, a opção por Russell para ser o “especialista” convidado para dissertar e evidenciar a “verdade” do movimento *Black Lives Matter*, parece coerente e legitimadora de uma retórica pejorativa e preconceituosa das populações diaspóricas e/ou dos movimentos negros. Russell em conjunto com a Brasil Paralelo, tenta deslegitimar o movimento negro na atualidade, desprezando a história que produziu o racismo e a desigualdade racial, inclusive justificando que o racismo seria restrito ao fenômeno da escravidão.

A Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, conhecida pelo nome fantasia “Brasil Paralelo” é uma empresa fundada na cidade de Porto Alegre em 2016 pelos sócios Lucas Ferrugem, Henrique Viana e Felipe Valerim. Nas informações disponíveis sobre a empresa, o grupo declara que produz documentários, reportagens, filmes, programas, cursos e séries abordando temas historiográficos relacionando política, filosofia, economia, educação, artes e atualidades. Conforme o site da produtora, “Tudo começa com um propósito. O nosso? Resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros” (BRASIL PARALELO, s/d)<sup>9</sup>. Para atingir esse propósito, a Brasil Paralelo se autoproclama uma empresa de entretenimento e educação, pretendendo a verdade histórica por meio da realidade dos fatos, distante da “ideologização” na produção de seu conteúdo.

De acordo com sua página *web*, BP teria cerca de 15 milhões de espectadores únicos em 2021; 280 mil membros assinantes; 50 cursos em 10 categorias e 100 produções originais. Todos esses dados apontam que a empresa de 2016 até 2021, cresceu exponencialmente 8,018%. O sucesso de suas obras deve-se por tratar-se de uma empresa multimídia, sendo parte do seu conteúdo é transmitido para todos os públicos em diferentes *streamings* — *YouTube*, *Spotify*, *Apple podcast*, *Google podcast*, *Deezer*, *Amazon music*. Atualmente em seu canal do *YouTube*, a produtora conta com mais de 2 milhões de inscritos, totalizando mais de 200 milhões de *views* na plataforma.

Henrique Viana<sup>10</sup>, um dos fundadores em entrevista ao jornal *Esmeril*, afirmou que a partir de 2013 foi quando começaram a se interessar pelos acontecimentos políticos do país e passaram a estudar sobre o assunto, tendo

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0&rt=43s>. Acesso em 08 de jun. de 2022

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/black-lives-matter>. Acesso em 08 de jun. de 2022

<sup>7</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220302000130/http://www.thaddeusrussell.com/mystory>. Acesso em 27 de mar. de 2023.

<sup>8</sup> “Fora da selva: Jimmy Hoffa e a reconstrução da classe trabalhadora americana”

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: PERFIL | Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo | *Esmeril* ([revistaesmeril.com.br](http://revistaesmeril.com.br)) Acesso 08 de jun. de 2022.



como uma das primeiras referências o "Instituto Mises Brasil"<sup>11</sup>, que exibia "artigos sobre economia e filosofia, fáceis de absorver" (DIRANI, 2020)<sup>12</sup>. Por isso mesmo, afiança o empresário, ele e seus companheiros aprenderam muito com o Instituto "saindo um pouco da matrix". Viana destaca que outra fonte primordial para construção do pensamento político, econômico e social foi o Curso Online de Filosofia (COF)<sup>13</sup> e outros vídeos do *youtuber* filósofo Olavo de Carvalho.

De acordo com a página da BP o objetivo do grupo é torna-se "o ecossistema de maior influência do Brasil"; com valores de "verdade, liberdade, arte, ambição, meritocracia, união e diplomacia". Mas como surgiu a Brasil Paralelo? Segundo Filipe Valerim, a BP inicia com um grupo de jovens empreendedores que entendem que o país estava passando por um novo momento, mediante ao "cenário político de 2015, com a reeleição da Dilma Rousseff, um despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população" (BRASIL PARALELO, s/d)<sup>14</sup>. Para Filipe, após o *impeachment* da então presidente, havia uma parcela significativa da população com potencial de mobilizações que poderiam gerar mudanças significativas. Sendo assim, para aqueles jovens, apesar de emocionalmente envolvidos no processo, havia uma urgência das pessoas compreenderem o que havia levado até aquele momento de crise política.

Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, os três formados pela Escola Superior de Propaganda e Marketing em 2016, fundaram a empresa Brasil Paralelo na cidade de Porto Alegre. Esses três jovens, dizem que, com recursos escassos, sendo: duas câmeras emprestadas - Canon T5I - "uma sala de seis metros quadrados e algum dinheiro emprestado a juros, para pagar as viagens e o aluguel da pequena sala", além de um sonho de transformar o Brasil e a ajuda de quem acreditava no projeto, conseguiram entrevistar as pessoas que poderiam explicar o cenário brasileiro daquele momento, e então surge a primeira produção da empresa, o "Congresso Brasil Paralelo". Conforme Valerim, a inspiração para o nome da empresa surgiu por meio do filme "Interstellar" do cineasta Christopher Nolan. No filme, "o ator principal precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo "paralelo" que salvaria a espécie humana" (BOLETIM DA

<sup>11</sup> Conhecido popularmente como IMB, o Mises Brasil é uma associação com o intuito de produzir e propagar estudos econômicos e de ciências sociais fundamentados no (neo)liberalismo, defendendo a luta pela liberdade e pelos direitos individuais. Disponível em: <https://mises.org.br/About.aspx>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: [PERFIL | Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo | Esmeril \(revistaesmeril.com.br\)](https://perfil.esmeril.com.br/henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo). Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>13</sup> Curso do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho. disponível em: <https://lp.seminariodefilosofia.org/>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

LIBERDADE, 2018)<sup>15</sup>. Por essa razão, a logo da empresa possui o formato de um buraco de minhoca, demonstrando uma conexão com uma realidade paralela e ainda, utiliza um *slogan* ligado ao engajamento: "Onde há vontade, há um caminho".

Em 2017 a produtora lança seu segundo grande sucesso, a série "Brasil: a última cruzada" com episódios que somados ultrapassam 10 milhões de visualizações. Conforme os produtores, "essa série constitui ainda hoje o maior resgate histórico já produzido no Brasil" e sublinham que nesse mesmo ano a BP obteve a marca de 10 mil assinantes. Em 2018, mediante a "tantas horas de entrevistas com especialistas e considerando a sede de conhecimento que o público transparece, é criado o Núcleo de Formação" contando com professores convidados que gravam aulas de história, filosofia, ciência política e economia. Nas palavras da plataforma, essa foi a "maior iniciativa educacional da BP" e também no mesmo ano é lançada a plataforma de conteúdo da Brasil Paralelo e a série "Teatro das Tesouras". Seguindo a cronologia de sucesso da BP em 2019, lançam "1964: O Brasil entre Armas e Livros", contando com mais de 9 milhões de reproduções, estimado pela empresa como "o documentário brasileiro mais visto da história". De acordo com as informações da produtora, a intenção era questionar um período praticamente inquestionável da História do Brasil e pautado na "censura por parte da mídia brasileira" (BRASIL PARALELO, s/d)<sup>16</sup>.

Mesmo de acordo com a suposta "censura" em relação à produção da BP, esta continuou denunciando o que entendiam como história mentirosa, esquerdista e marxista e o ano de 2020 foi o que consideram como o ano da virada, causando a mudança de sua sede para São Paulo. Ainda segundo eles, mesmo arriscando fechar as portas e voltar para Porto Alegre, os "incansáveis empresários" da BP não desistiram e lançam a trilogia "Pátria Educadora" e ainda criaram o "Plano Patriota", angariando recursos suficientes para subsidiar as produções. Para a empresa nesse ano o número de assinantes já batia 170 mil. E como a Brasil Paralelo "não para de crescer e de se reinventar", em 2021 nasce a Nova BP, que oferece "um *streaming* com um catálogo curado de filmes através do plano BP *Select*, bem como programas semanais e desenhos infantis" (BRASIL PARALELO, s/d)<sup>17</sup>, ou seja, a Brasil Paralelo passaria a ser destinado a todos os membros da família tradicional brasileira. Além da inovação no campo do "entretenimento educativo", em 2021 o número de membros assinantes ultrapassa 270 mil e o número de "colaboradores" da empresa chega a 200.

<sup>15</sup> Disponível em: DIRANI, Claudio. *Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet - Boletim da Liberdade*. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 08 de jun. de 2022.

Para a empresa, Brasil Paralelo é uma iniciativa 100% independente, que não aceita nenhuma contribuição monetária do Estado e devido a esse financiamento dos seus membros, a empresa consegue “expandir a consciência dos brasileiros” impactando socialmente quem consome o conteúdo. Conforme diz a empresa, para cada pessoa que adquire os conteúdos pagos da BP, mil novas assistam às séries de forma gratuita por meio do retorno que a produtora faz em anúncios de divulgação. Em matéria de setembro de 2020 do jornal Estadão, já havia sido gasto R\$ 328.777,00 mil com anúncios de *Facebook* e *Instagram*, para impulsionar uma postagem no dia 4 de agosto 2020, fazendo com que dessa forma a produtora fosse a página que mais gastou com anúncios de temas sociais, políticos ou sobre as eleições no País em um período de 55 dias<sup>18</sup>. Em 9 de dezembro de 2019 a TV Escola, canal aberto da televisão brasileira, vinculada ao Ministério da Educação, passou a exibir o conteúdo historiográfico da empresa. Em 6 de abril de 2021, a plataforma Panflix do grupo Jovem Pan também passa a exibir o conteúdo da BP. De acordo com Filipe Valerim, “ficar dependente de grandes patrocinadores, doadores, incentivos da lei não era uma alternativa. O conflito de interesse nesses casos é iminente e é por isso que a empresa precisava ser financiada pelas milhares de pessoas que nos assistiram” (BOLETIM DA LIBERDADE, 2018)<sup>19</sup>.

Ao nosso ver, esse discurso meritocrático é próprio da perspectiva conservadora e neoliberal que defendem, ou seja, de crescimento/enriquecimento conforme os próprios esforços, e por isso, se silencia o “empurrãozinho” financeiro de determinados parceiros e amigos.

Tendo em vista a trajetória de sucesso da BP, em 2020 a produtora lança mais um sucesso a minissérie “As grandes minorias”, contando com três episódios disponíveis no canal do *YouTube* da empresa, sendo eles, “Os antifascistas”, “Geração sem gênero” e “Vidas (negras) importam”, tratando sobre a “verdade oculta” dos bastidores de tais movimentos, ou seja, as ideologias esquerdistas disfarçadas nesses movimentos.

Como mencionamos anteriormente, o presente texto irá abordar o terceiro episódio “Vidas (negras) importam” e para tanto se faz necessário contextualizar sobre do que se trata o movimento *Black Lives Matter*, bem como quais foram as motivações para o seu surgimento.

<sup>18</sup> Disponível em: [‘Netflix’ dos bolsonaristas gastou R\\$ 328 mil em anúncios de Facebook e Instagram - Política - Estadão \(estadao.com.br\)](https://www.nerflix.com.br/brasil-paralelo-dos-bolsonaristas-gastou-r-328-mil-em-anuncios-de-facebook-e-instagram-politica-estadao-estadao.com.br), Acesso em 08 de jun. de 2022.

<sup>19</sup> Disponível em: [Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet - Boletim da Liberdade](https://www.boletimdaliberdade.com.br/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet-boletim-da-liberdade). Acesso em 08 de jun. de 2022.

## *Black Lives Matter* na mira do Brasil Paralelo

Idealizado em 2013, após o assassinato em Stanford do jovem de 17 anos Trayvon Martin pelo vigilante George Zimmerman e este ser absolvido de assassinato em segundo grau<sup>20</sup>, três ativistas norte-americanas: Alicia Garza, da aliança nacional das trabalhadoras domésticas; Patrisse Collours, da coalizão contra a violência policial em Los Angeles e Opal Tometi, defensora da aliança negra pela imigração justa, criam o *Black Lives Matter* (BLM) ou em tradução livre, *Vidas Negras Importam*. O intuito seria de contestar e mesmo extinguir a supremacia branca e criar/construir um poder que impediria a violência policial que acomete a população negra norte-americana e no mundo<sup>21</sup>. Após uma postagem feita no *Facebook* por Alicia Garza em 13 de julho de 2013, dizendo a seguinte frase: “*Black people. I love you. I love us. Our lives matter*”<sup>22</sup> e da resposta de sua amiga Patrisse Cullors, “*declaration: black bodies will no longer be sacrificed for the rest of the world 's enlightenment. I am done. I am so done. trayvon, you are loved infinitely #BlackLivesMatter*”<sup>23</sup>. A hashtag realizada por Patrisse Cullors, #*BlackLivesMatter*, inicia um movimento que após sete anos se tornaria uma comunidade global pela luta ao direito à vida dos negros, com filiais em todo o mundo. Sendo assim, a BLM passa a realizar um trabalho levando a mudanças políticas concretas incentivando a imaginar e a construir um futuro em que a prioridade seja a segurança dos negros, considerando que, vidas negras ao redor do mundo são ceifadas pelo racismo, inclusive pela violência/racismo do Estado.

O movimento se intensifica após 25 de maio de 2020 em razão do brutal assassinato de Geoger Perry Floyd Jr. em Minneapolis. Floyd foi estrangulado até a morte pelo policial Derek Chauvin ao ficar ajoelhado por mais de 9 minutos sobre o pescoço da vítima enquanto ele dizia “*Não consigo respirar*”. Todo esse terror foi filmado e o *Black Lives Matter* (re)ocupa espaço nas mídias sociais e nas ruas de todo mundo, fomentando protestos como forma de revolta contra a brutalidade policial com que a população negra é abordada. Esse movimento cobra das autoridades medidas para que o genocídio da população negra tenha fim, com o apoio de movimentos negros e antirracistas. O que se inicia como um movimento contra a violência policial norte-americana, torna-se uma luta global pelo direito à vida da população negra somando outras temáticas afins: o racismo estrutural, a

<sup>20</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323\\_entenda\\_trayvon\\_florida\\_cc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc). Acesso em 25 de mai. de 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>. Acesso em 25 de mai. 2022.

<sup>22</sup> “Pessoas pretas. Eu amo vocês. Nós nos amamos. Suas vidas importam”.

<sup>23</sup> “ declaro: corpos negros não serão mais sacrificados pelo branqueamento do resto do mundo. Eu estou acabada. Eu estou tão acabada. Trayvon, você é amado infinitamente #VidasNegrasImportam”.

educação antirracista, a legislação voltada para o racismo e de forma mais geral, os direitos humanos.

Pensando em nosso país, os dados sobre a violência que assombram a comunidade negra são impactantes, pois a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado<sup>24</sup>. Levando em conta a violência policial, há diversos casos que esboçam o quanto é perigoso ser negro no Brasil, um país no qual nem as crianças são poupadas, como exemplifica o assassinato da menina Ágatha Felix de 8 anos, morta a tiros em setembro de 2019 no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro<sup>25</sup>. Esse e outros diversos casos exemplificam e mostram a insignificância das vidas negras para o Estado brasileiro, em que balas perdidas alvejam corpos específicos.

No início do vídeo explorado analiticamente, o telespectador é surpreendido por uma série de imagens de pessoas com os punhos cerrados para o alto. Logo em seguida é apresentado ao espectador, excertos de vídeos das manifestações do BLM, com vozes ao fundo entoando “*Vidas negras importam*” e “*Não consigo respirar*”. Seguidas dessas palavras de ordem, temos a imagem de um carro da polícia incendiado e mais trechos de vídeos são mostrados com o que BP avalia como “vandalismo” e “depredação” da propriedade privada por parte dos manifestantes. Examinando tais imagens e o intuito do episódio de denunciar a “verdade oculta” que envolve/envolveu o movimento *Vidas Negras Importam* pelo mundo. Entendemos ser possível afirmar que tais estratégias são utilizadas para produzir determinados efeitos nos telespectadores, para cooptá-los para a ideia de as manifestações não são pacíficas, mas violentas e truculentas.

A BP apresenta o objetivo de criminalizar, deslegitimar e anular a luta de tais movimentos, transformando as vítimas em criminosos. Recorrendo à desinformação, BP despreza o fato bastante pesquisado sobre o sistema escravista no continente americano. Sistema esse, que exterminou milhões de vidas no ultramar e dentro das colônias. Tratando-se dos EUA, a abolição da escravatura se deu em 1863, já o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, em 1888, e por isso é equivocado crer que o regime escravocrata no Brasil foi mais brando do que em outros países. Algumas abordagens revisionistas, como da produção BP despreza que escravidão foi um sistema de violência cotidiana, multiforme e naturalizada, que deixou sua herança para a atualidade (NUNES, 2006).

O vídeo em questão retoma essa história de seu modo, contextualizando a história do “novo mundo”, ou seja, a chegada/descoberta do continente

<sup>24</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/06/06/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil-diz-cpi.htm>. Acesso 25 de mai. de 2022.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-de-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso 10 de jun. de 2022

americano em 1492 por Colombo (PRESSE, 2022). Esse personagem, para Brasil Paralelo, viajou com sua tripulação rumo ao desconhecido, tendo apenas a fé como alicerce, e por essa razão deixaram sua marca na história pautada na bravura. Nesse momento temos a fala do narrador sendo interrompida e se corta para imagem de uma das estátuas de Colombo sendo derrubada<sup>26</sup>, como se o herói fosse deposto de forma vil.

É da natureza do conhecimento histórico reconhecer as múltiplas vozes decorrentes da diversidade de fontes, autores e problematizações, mas algo também é inerente à ciência histórica: o compromisso ético que devemos ter em nossas narrativas, até porque estamos trabalhando com memórias, com passados problemáticos para o presente. No caso da narrativa da BP, existe uma tendência de explicitar apenas uma voz, então eurocêntrica e colonialista, que coloca colonizadores enquanto heróis da nação.

Não é sem motivos que a BP (uma produtora brasileira) opta por desqualificar determinados fenômenos como o BLM ou os Panteras Negras, pois se equipara as manifestações ocorridas nos EUA com aquelas que ocorreram ou podem ocorrer no território brasileiro. Todo o vídeo evidencia uma procura em fazer o público crer no perigo das pautas e das lutas identitárias, lá e aqui.

Sobre acontecimentos possíveis de se destacar quando pensamos na visão eurocêntrica e colonialista que subalternizam os sujeitos colonizados, especialmente os negros, que além de colonizados foram escravizados (LANDER, 2005) nos EUA a criação das leis *Jiw Crow* apartou as populações brancas das não-brancas. No Brasil, não houve de fato as leis segregacionistas, mas a segregação pode ocorrer de forma diferente, haja visto que o Estado brasileiro realiza o incentivo para o branqueamento da população. Com isso, no Brasil cria-se o mito “democracia racial”, ou seja, ao contrário das políticas estadunidenses de proibição de mistura raciais, no Brasil temos o oposto acontecendo. Nesse ponto vemos uma das justificativas da BP para deslegitimar os movimentos negros brasileiros, pois conforme sua análise o racismo no Brasil teria acabado com o fim da escravidão e também não haveria desigualdades raciais no Brasil.

Pelo próprio contexto histórico estadunidense, formam-se grupos para extinguir a segregação no país, lutando pela concessão de direitos civis para todos. No referido vídeo-documentário, a resistência dividiu-se em dois métodos: os pacifistas liderados por Martin Luther King e os violentos liderados por Malcolm X. E temos mais um momento em que a narrativa da Brasil Paralelo visa caracterizar o movimento negro como violento, na medida em que, segundo a

<sup>26</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/05/mais-uma-estatueta-de-cristovao-colombo-e-derrubada-nos-eua.ghtml>. Acesso em 27 de mai. de 2022.

produtora, o pastor King conseguiu o fim da segregação sem a utilização da violência, enquanto que os violentos não conseguiram nenhuma vitória. Sobre esses grupos violentos, é apresentado ao telespectador o grupo *Black Panthers* ou Panteras Negras, “fundado por dois *estudantes marxistas*, Huey Newton e Bobby Seale, que radicalizam o discurso e passam a fazer justiça com as próprias mãos”.

Além de mostrar que sem o uso da violência os negros conseguiram mais do que com o uso da violência, temos a utilização do termo “estudantes marxistas” para definir os fundadores dos Panteras Negras. Isso, porque BP intenciona mostrar que o movimento se movia por ideais radicais, revolucionários, com mensagens ocultas para uma “revolução marxista”.

Em consonância com Olavo de Carvalho, guru da BP, pensa-se que o objetivo de implantar o comunismo está subentendido em todo movimento social. Esse processo é denominado de “marxismo cultural” e seria operacionalizado pelos acadêmicos e intelectuais para subverter a cultura ocidental. Essa teoria da conspiração alega que um grupo de teóricos marxistas estão repetidamente interferindo em todas as esferas sociais promovendo uma guerra cultural que mina os valores cristãos do conservadorismo tradicionalista e promove os valores culturais do multiculturalismo e da contracultura da década de 1960. Os marxistas culturais estariam escondidos sob a égide de uma política progressista e politicamente correta e criariam falseamentos como a política identitária (ROCHA, 2021).

Conforme o documentário, essa radicalização dos Panteras Negras vem em conjunto com a solicitação da libertação imediata da população negra carcerária. No auge do movimento na década de 1970, diversos membros foram presos por atividades ilícitas, como, por exemplo, tráfico de drogas, extorsão e brigas internas, o que é bastante aproveitado pela BP para relacionar o crime com as intencionalidades marxistas/comunistas com o movimento Pantera Negra, e, consequentemente com qualquer outro movimento negro.

É um grupo muito misturado, muitos gângsteres e criminosos se tornaram parte dos Panteras. E por esse motivo, uma série de coisas ruins acontecem. Estupros eram muito comuns, e muitas mulheres do Panteras Negras escreveram sobre isso. A forma como as mulheres eram tratadas ia além do ruim. Eles puniam severamente e às vezes executavam seus próprios membros, quando achavam que estavam sendo espionados ou trabalhando com o FBI. E muitos de seus membros estavam trabalhando com o FBI. O FBI tinha formado o COINTELPRO, uma operação infame para se infiltrar entre os Panteras e outros grupos nacionais e radicais negros, e grupos radicais brancos também, incriminando-os para que pudessem ser julgados e tirados de jogo. Eles acabaram sendo dissolvidos por conta da pressão do Estado e pelas mudanças

com o tempo, e por conta de uma série de erros que cometeram (BRASIL PARALELO, 2020)<sup>27</sup>.

O pedido do movimento para libertação da população carcerária, diz respeito a uma crítica ao sistema judiciário propenso (no passado e no presente) a prender a população negra mesmo sem quaisquer provas e/ou um processo jurídico justo. Ainda é preciso considerar que costumeiramente o júri escolhido para compor o tribunal costumava ser composto todo de brancos. Outro ponto a ser destacado é que nesse programa dos Panteras Negras de 1966, reivindicavam: liberdade do povo preto; emprego; fim da exploração do homem branco na comunidade negra; moradia; educação; isenção dos homens negros do serviço militar; fim da brutalidade policial e assassinato do povo preto; liberdade das pessoas pretas das prisões e cadeias; que o julgamento de pessoas pretas tivesse um júri composto por seus pares e/ou pessoas de suas comunidades; além de terra, pão, roupas, justiça e paz. Dessa forma, podemos afirmar que BP explorou o que era interessante para justificar sua argumentação, trabalhando com “verdades parciais”, estratégia de convencimento denominada “ponta do *iceberg*”, comum nos revisionismos não-científicos (RAMOS, 2018).

Seguindo a cronologia do episódio, na década de 1970–1980, os EUA passavam por problemas com a criminalidade, por isso, uma variedade de reformas penais aconteciam, bem como mais investimentos em equipamentos, resultando em aumentos expressivos da população carcerária do país. De acordo com Russell no vídeo, há um encarceramento em massa que começa em 1965 com a promulgação da lei de Lyndon Vanes Johnson. Posteriormente, Nixon, na década de 70, passou a militarizar a polícia, ou seja, há um repasse de equipamentos militares para a polícia. Já nos anos 80, Reagan reforçou a guerra às drogas promulgando leis mais rígidas. Russell entende que o grande pico do encarceramento se inicia depois de 1995 com a lei de crimes de Joe Biden, instituindo pena de morte aos crimes pertinentes a drogas.

Então, de 1994 em diante nós vimos uma crescente massiva. Mais do que com Johnson, mais do que com Reagan, mais do que com Nixon. E é isso que nos levou até 2,3 milhões de pessoas atualmente encarceradas de um jeito ou de outro. Em cadeias, prisões federais e estaduais 2,3 milhões. Nós temos o maior índice de encarceramento do que qualquer país do planeta. Aqui está outra coisa que as pessoas não sabem sobre esse assunto: que isso destruiu a vida de milhões de pessoas que não são negras. Essas leis não foram criadas para encarcerar e brutalizar pessoas negras, mas era para encarcerar e brutalizar qualquer um que tivesse qualquer relação com drogas, mas adivinhe, muitas pessoas brancas venderam, distribuíram e usaram drogas. Enquanto nós falamos, aproximadamente meio milhão das 2,3 milhões de pessoas na cadeia são brancas.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0>>. Acesso em 09 de jun. de 2022.

Ninguém menciona isso. E é profundamente mal entendido como um projeto racista. O que não faz nenhum sentido. Escravidão nesse país era racista, nenhuma pessoa branca foi escravizada nesse país. Segregação era um projeto racista. Nenhuma pessoa branca foi impedida de usar um bebedouro. Nunca, nenhuma vez. Mas, se o encarceramento em massa é um projeto racista, por que você vai encarcerar metade de sua própria gente? É muito dano colateral (BRASIL PARALELO, 2020 – Gripo Nosso)<sup>28</sup>.

Para BP, apesar de os EUA em seu passado ser um país escravocrata e de ter segregado pessoas de cor, as políticas de encarceramento em massa não possuem correlação com esse passado. Mas alguns dados contradizem tal pressuposto. Consoante o *The sentencing project* que reúne dados dos últimos anos do Censo dos Estados Unidos, *Bureau of Justice Statistics* e informações dos Estados, houve nos últimos 40 anos um aumento de 500% de pessoas nas prisões e cadeias dos EUA. Isso deriva das mudanças na lei e na política de condenação que causaram a superlotação prisional e encargos fiscais sobre os Estados para acoplar um sistema penal em alta expansão. Entretanto, o encarceramento em massa da população norte-americana não atingiu igualmente todas as comunidades, pois os homens negros têm seis vezes mais chances de serem presos do que homens brancos. Entende-se que de 1 em cada 12 homens negros na faixa dos 30 anos está na prisão ou já foi para prisão<sup>29</sup>. Por essa razão, é possível concluir que minorias raciais são mais propensas a serem condenadas, e segundo várias pesquisas, quando condenados passam por sentenças mais duras (TADDEU, 2022)

Apesar da retórica de liberdade e igualdade nos documentos fundacionais, os EUA têm o racismo como alicerce dessa sociedade. Mesmo com cerca de 12% da população constituída por negros, no ano de 2011, 30% das prisões por crime contra a propriedade e 38% dos presos por crimes violentos eram negros<sup>30</sup>. Tais dados sobre criminalidade demonstram que essas altas taxas de encarceramento da população negra, provocam explicações que tomam os fatores socioeconômicos como mais determinantes do que a posição racial, pois os bairros extremamente pobres apresentam as mais altas taxas de criminalidade, independente do fator racial. Contudo, se despreza que as pessoas de cor integram a parcela que mais vive em situação de pobreza nos Estados Unidos, ou seja, são as mais propensas a morarem em bairros de baixa renda, que por sua vez, são os que possuem as mais altas taxas de criminalidade. Os homens de cor tornam-se

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEhQ>>. Acesso em 09 de jun. de 2022.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.sentencingproject.org/criminal-justice-facts/>. Acesso em 29 de mai. 2022;

<sup>30</sup> Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2011/crime-in-the-u.s.-2011/tables/table-43>. Acesso em 29 de mai. 2022.

legalmente iguais tal como Martin Luther King sonhou, porém, os dados demonstram que a igualdade racial ainda é um sonho na contemporaneidade.

O encarceramento em massa apresenta articulação com as desigualdades raciais gritantes, devido a três fatores: a herança do sistema escravagista; políticas e práticas tendenciosas, que perpetuam as desigualdades e as desvantagens estruturais. É tendencioso desvincular o presente do passado, considerando que somos frutos desse passado. A história nos mostra que as questões sensíveis no nosso presente nos reportam necessariamente ao passado em busca de respostas. De acordo com Rüsen (2001), a consciência histórica não seria apenas uma consciência do passado, mas uma consciência relacional com as estruturas produzidas no passado que incidem inclusive em nossas expectativas e projetos de futuro. A ideia da produtora BP de desvincular o passado do presente constitui-se uma estratégia de manipulação para se fazer crer que os movimentos negros buscam solucionar um problema que já foi sanado, que já foi sanado e não mais afetam pessoas de cor as escravizando. Essa perspectiva problemática se verifica também na defesa de que o encarceramento em massa não teria vieses político-históricos. Mas para nós, é o passado se fazendo presente.

Como também tivemos o sistema escravagista, o racismo também se desenvolveu em nosso território, resultando da mesma forma no encarceramento mais dos negros do que dos brancos. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2019, cerca de 56,2% da população brasileira declarou-se parda/preta e os dados em relação ao cárcere são assustadores. O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de 2019, mostra que atualmente o Brasil possui 748.009 presos, dos quais 66,75% se autodeclararam pretos/pardos. Considerando que a população brasileira é de 212,6 milhões, somos o terceiro país com maior população carcerária do mundo<sup>31</sup>.

Como dissemos quando mencionamos os EUA, a alta taxa de cárcere da população negra se dá por fatores socioeconômicos, já que desigualdade social e crime fazem parte um processo histórico-político. Assim, se faz necessário apontar alguns dados sobre a renda dos negros no Brasil. Apesar de pretos/pardos serem a maioria da população (56,2%) e da força de trabalho (54,9%), os números pontuam o rendimento mensal de pardos/pretos girando em torno de R\$1.608, enquanto a população branca tem o rendimento mensal em torno de R\$ 2.796. Esses dados nos avisam que apesar de a escravidão ter acabado, de não haver leis de segregação no Brasil, pretos/pardos ainda são os mais pobres, os que mais morrem e os que estão em maior número nas cadeias e prisões do Brasil. Isso, para

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/brasil-se-mantem-como-3o-pais-com-a-maior-populacao-carceraria-do-mundo/>. Acesso 02 de jun. de 2022.

nós, é consequência do passado que desumanizou corpos negros, não reparou anos de escravidão e nem deu assistência para os cativos recém-libertos. Diferente do que a BP quer repassar ao grande público, de que negros não se esforçam o suficiente, mesmo com as oportunidades fornecidas a todos.

A afirmativa da BP de que a escravidão, a segregação era racista no passado, mas o encarceramento em massa no presente não, se reforça ao versar sobre as eleições em 2008 quando a população estadunidense elegeu o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América, Barack Obama. BP considera que este presidente em seu governo não uniu a população fragmentada, mas intensificou o descontentamento dos negros, em especial, pelas abordagens policiais, pois "Foi no governo de Obama que os protestos contra a polícia e racismo se intensificaram. Abordagens fatais feitas pela polícia fizeram ressurgir as mágoas do passado" (BRASIL PARALELO, 2020)<sup>32</sup>.

De acordo com levantamento colaborativo realizado desde 2015 pelo jornal *Washington Post* sobre os tiros fatais dados por polícias em serviço nos Estados Unidos, se estima que desde 2015 ocorreram mais de 5.000 tiroteios registrados, dos quais mataram cerca de 1.000 pessoas ao ano<sup>33</sup>. Todavia, os negros americanos são baleados desproporcionalmente comparado com brancos, apesar de serem cerca de 12% da população norte-americana, eles são mortos pela polícia duas vezes mais do que brancos. Outro dado pertinente diz respeito ao sexo das vítimas, das quais mais de 95% são homens e mais da metade possuem em torno de 20 a 40 anos. A investigação de mais de cinco anos do *Washington Post*, constatou que o número de vítimas e as circunstâncias dos tiroteios fatais e do local dos crimes permaneceram constantes. Segundo Edwards et al. (2018), a polícia mata em média 2,8 homens por dia, sendo assim ela foi responsável por cerca de 8% de todos os homicídios com vítimas masculinas entre 2012 e 2018. Os resultados da pesquisa também mostram que a mortalidade de homens negros é de 1,9 a 2,4 mortes por 100.000 por ano. Sendo assim, a raça possui papel central nos assassinatos envolvendo civis nos Estados Unidos, corroborando a ideia de que violência contra pessoas de cor é rotineira.

Pelos dados obtidos por meio de Crime Date Explore do FBI, se acessa informações sobre a aplicação da lei criminal e não criminal. Nos anos 2005 a 2020 se comprovou haver uma redução vertiginosa das taxas de homicídio. A partir de 2008 até 2015, além da crescente redução dos assassinatos, também há uma estabilidade, porém de 2016 até 2017 os números voltam a subir e diminuem

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0>. Acesso em 09 de jun. de 2022.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>. Acesso em 07 de jun. de 2022.

novamente em 2018 a 2019. Mas nada comparado aos anos do governo Obama (2008-2017). Entretanto, a partir de 2020 as taxas de homicídio crescem exponencialmente e nesse mesmo ano temos o assassinato brutal de George Floyd que implicou em protestos pelo mundo em favor das vidas negras.

Tendo em vista todos os dados demonstrados sobre a criminalidade, a atrocidade policial, as desigualdades raciais estruturais da sociedade e a cronologia do documentário, o vídeo reserva 10 minutos para de fato abordar sobre os protestos, pois afinal vidas (negras) importam? A priori somos apresentados às três mulheres que iniciaram o movimento, Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tomei. E mais uma vez temos a ênfase sobre a "ideologia" nas entrelinhas do movimento, pois Alicia Garza e Patrick Cullors, integrariam – dizem – uma organização negra que visa formar a liderança e a dignidade a BOLD. Por essa razão, diz BP, elas foram "treinadas" para transformarem a sociedade através dos movimentos sociais por meio de uma militância organizada que possa inovar na criação de leis e influenciar a opinião pública. De fato, a BOLD é uma organização sem fins lucrativos para treinamento focado no fortalecimento de líderes negros nos EUA para haver mudanças progressistas e reais na sociedade<sup>34</sup>. Considerando que a desigualdade racial é uma das principais características estruturais da sociedade, defende-se a necessidade de pessoas negras ocuparem cargos de poder para que mudanças possam realmente ocorrer e paradigmas sejam rompidos. O documentário usa do "treinamento" da BOLD de forma pejorativa, como se fosse fundamentada em princípios escusos, ideológicos e comunistas, o que para a BP são princípios próprios do esquerdismo.

Continuando com o direcionamento do vídeo de BP, os democratas são evidenciados como usando a pauta das políticas de identidade no palanque político para alavancar sua candidatura. A vice de Joe Biden, Kamala Harris teria fomentado doações a um fundo de finanças para ajudar os manifestantes presos. Entre eles, de acordo com a BP, existiam pedófilos e estupradores, pressupondo que Kamala Harris, por seu fundo de finanças soltou pedófilos e estupradores. Para marcar que em meio aos manifestantes haviam pessoas de má índole, a BP traz manchetes de notícias de dois jornais, *The Daily Wire* e *Daily Caller*, sendo ambos jornais conservadores e de direita dos Estados Unidos, mas que não apresentam notoriedade ou relevância na grande mídia.

Após mais essa tentativa de mostrar os ideais ocultos do BLM invalidando o movimento, o documentário corta para uma série de vídeos de manifestantes clamando pelo fim da polícia, com falas como: "O que queremos? Policiais mortos! Quando queremos? Agora"; "polícia de Los Angeles, chupa meu p\*\*!"; "Eu estou no ponto que quero colocar os

<sup>34</sup> Disponível em: <https://boldorganizing.org/what-we-do/>. Acesso em 07 de jun. de 2022.

policiais nos túmulos<sup>35</sup>. Tais falas sem o devido contexto podem aparentar que de fato os manifestantes são um bando de baderneiros, revoltosos, bandidos, que só almejam o fim da polícia para fazerem o que bem entendem. Porém, devemos lembrar das informações até o momento mencionadas nessa pesquisa que realizamos, demonstrando que diariamente um jovem negro é assassinado pela polícia. Casos aterrorizantes assombram a população negra, pois no mesmo dia, 26 de maio de 2022, em que se inaugura a estatura do George Floyd, em Houston, cidade onde ele nasceu<sup>36</sup>, a polícia brasileira assassina Genivaldo por asfixia em uma câmara de gás “improvisada”<sup>37</sup>. Serão os negros revoltosos sem causa por quererem que seus assassinos/algozes sejam condenados, da mesma forma que diariamente condenam o corpo negro? Deslegitimar a raiva, a dor, o sofrimento daqueles que morrem na mão do Estado, é no mínimo cruel. Justificar, defender ou fugir da realidade do racismo e da necessidade de refletir sobre ele, e, logicamente, acabar com ele, é chamado por Saad (2020) como policiamento do tom. No policiamento do tom, quando o não branco se torna eloquente, incisivo, falando mais alto ou com palavras contundentes, ou ainda, age de forma bruta, o branco não entende por que ele tem tanta raiva, porque está sendo “agressivo”. E quando se controla o tom da fala do Outro, na verdade, se atualiza a supremacia branca, desqualificando o fato de que o Outro precisa dar vazão, não apenas em relação ao seu sofrimento, mas também ao sofrimento de gerações e gerações que sofreram com o racismo, com a violência do racismo.

Negros foram tirados forçosamente de suas terras, tiveram sua humanidade negada, foram/são inferiorizados, escravizados, segregados. A herança desse processo faz-se presente, pois o passado é vivo, por isso é sensível. Será que a revolta pode ser reduzida a uma “ideologia esquerdista” e por ser de esquerda seria um mito? Os negros não esquerdistas nunca fariam parte dessas revoltas? Para corroborar narrativas desmerecedora dos movimentos negros a BP traz imagens de manifestantes (sendo grande maioria branca) contrários ao movimento do *Black Lives Matter*, as manifestações como *All Lives Matter* (Vidas importam) e *Blue Lives Matter* (Vidas de policiais importa):

Parte da população não concorda com as ações e ideologias do grupo. Revoltados com os ataques injustos a polícia. O termo ALL Lives Matter e BLUE Lives Matter, se tornaram “slogan” em protestos contra a morte de policiais. Apesar do apelo identitário muitos negros se mostraram contrários as políticas defendidas pelo Black Lives Matter. Nas redes sociais e nas mídias alternativas

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0&t=2s>. Acesso em 09. de jun. de 2022

<sup>36</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/26/estatua-de-george-floyd-e-inaugurada-em-houston-nos-eua-cidade-onde-ele-cresceu.ghtml>. Acesso em 09 de jun. 2022.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/metodo-nazista-policia-sergipe-faz-camara-de-gas-carro-mata-homem-negro/>. Acesso em 09 de jun. de 2022.

muitos se expressaram contra as pautas e ações do grupo (BRASIL PARALELO, 2020)<sup>38</sup>.

Apresenta-se uma série de homens e mulheres negros contrários às pautas e ações do grupo e defende-se a ideia de que o BLM detém pautas meramente ideológicas. Por essa razão, segundo a BP, são anti-negros e ambicionam destruir a família patriarcal. Em meio a isso que nos parece irascível, um dos argumentos é de que são os negros que matam e destroem os próprios negros. “Como vocês vão gritar “vidas negras importam”, e depois destruir negócios de negros? Isso não faz nenhum sentido para mim” – diz um negro contra o BLM (BRASIL PARALELO, 2020)<sup>39</sup>. Entre os discursos proferidos por homens negros, um em particular nos chama atenção, por ele acreditar que os manifestantes do BLM não sabem pelo que estão lutando e que muitos dos jovens ali envolvidos “não passaram por nada na vida”. Advoga essa premissa dizendo que os jovens do BLM estariam inventando um problema, que então deveria ter sido resolvido pelo Obama. Esse, recebeu votos de brancos, sendo assim, brancos não são racistas e o Obama não resolveu nada.

Começou com George Floyd, eles foram do George Floyd, até agora passou a ser as pessoas brancas e depois das pessoas brancas agora é todo o sistema americano. Eles não sabem com o que estão bravos. Eles não sabem o que os está incomodando. Tudo que eu estou falando para vocês, não entrem nessa moda, está tudo errado. Então eles continuam escutando pessoas que te fazem pensar que elas passaram por isso, algumas delas são jovens negros de 19 anos, que passaram por isso. Eles não passaram por nada. Eles estão criando. Eles estão criando um problema que não existe. Em um bairro de negros, crimes de negros contra negros é real e a maioria morre por crimes de negros. Os brancos não estão fazendo nada contra eles. Os brancos votaram no Barack Obama por 8 anos, 8 anos, tudo que eles estão reclamando deveria ter sido resolvido no governo dele. E eles não fizeram (BRASIL PARALELO, 2020)<sup>40</sup>.

Para além dessa narrativa de que os próprios negros não esquerdistas não concordam com o movimento, o documentário traz uma comparação entre as “ditaduras do século XX” e a “coerção” de pessoas comuns de fazerem o gesto do punho fechado. Algo a ser considerado é que as imagens dessas “ditaduras” são de países de regimes socialistas, associando mais uma vez o movimento à “ideologia de esquerda”. Após uma série de imagens dos manifestantes “coagindo” a população a ficarem de joelhos, o documentário chega em um momento crucial: a solicitação dos manifestantes pela desmilitarização da polícia. Para BP, esses

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0&t=2s>. Acesso em 09. de jun. de 2022

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0&t=2s>. Acesso em 09. de jun. de 2022

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0&t=2s>. Acesso em 09. de jun. de 2022

mesmos manifestantes que pedem a desmilitarização e/ou o fim da polícia, levam o caos às ruas e cometem dezenas de crimes nos locais de ocorrência dos protestos. Conforme a BP, no interior dos Estados Unidos, homens brancos armados protegem suas casas, impedindo que os protestos destruíssem sua cidade.

O documentário retorna a pauta da desmilitarização da polícia, o que já foi tema de manifestações no Brasil. Algo interessante é que esse é o primeiro momento em que há imagens de manifestações no Brasil. Segundo a BP, os pedidos pela desmilitarização da polícia, “já foram correntes entre a burguesia e os movimentos sociais do Brasil” (BRASIL PARALELO, 2020). O termo burguesia utilizado pela BP diz respeito aos sujeitos associados à esquerda brasileira, ou seja, a burguesia é composta por aqueles que fazem parte da “hegemonia cultural de esquerda”. Com isso, para finalizar mais uma das gloriosas produções da Brasil Paralelo, temos o hino “revolucionário” e “marxista” da esquerda brasileira, entoado por Gregório Duvivier e outros esquerdistas: “*não acabou, tem que acabar, eu quero fim da polícia militar*”, com essa manifestação “anti-polícia”, “esquerdista”, termina o terceiro episódio da minissérie “As Grandes Minorias” da produtora Brasil Paralelo.

## Considerações finais

Não poderíamos saber do posicionamento da BP e ficarmos quietas. O silêncio também pode ser uma defesa ativa e violenta da supremacia branca. O silenciamento frente à história sobrecarregada nunca é neutro. Pelo contrário, é um método de autoproteção e, portanto, também de proteção da dinâmica da supremacia branca (SAAD, 2020), por isso não devemos nos calar.

Durante a análise do documentário da Brasil Paralelo foi perceptível o uso de uma linguagem especulativa, não baseada em evidências científicas, para incriminar e invalidar o movimento pelas vidas negras no contexto estadunidense, reverberando no mesmo tipo de análise quanto aos movimentos negros no Brasil.

Apesar da utilização da cronologia histórica dos Estados Unidos da América, desde sua consolidação como Estado-Nação até o momento fatídico do *Black Lives Matter*, o documentário utiliza da negação do passado histórico para as ações do presente. Para eles, a escravidão, a segregação, foram sim racistas, entretanto, a violência, o cárcere em massa da população negra não é um projeto racista. Essa tentativa de desvincular o passado do presente, desqualifica a História como ciência, pois há tempos, diversos historiadores trabalham com o paradigma de que são as problemáticas do presente que nos movem ao passado e de que, como há muito do passado no presente, podemos explicar o presente apenas quando recorreremos ao passado. E mais: pensar o presente

problematizando o passado é construir ações e projetos para o devir. Se o racismo não é vinculado ao passado, o presente se torna um amontoado de escombros que atrapalham por não termos a possibilidade de explicá-lo, de entendê-lo e de, em consequência, mudá-lo.

A negação desse processo histórico complexo no documentário da BP, visa desmerecer a luta do movimento negro, como se o racismo fosse algo já resolvido no passado, portanto, no presente temos apenas “rebeldes”, “vândalos”, que gritam histéricos pelo fim da polícia militar.

A pergunta que fica no ar ao final do documentário é, pelo que essas pessoas pretas revoltosas lutam? Se o racismo nos Estados Unidos findou juntamente com as leis de segregação, o que mais eles querem? No caso do Brasil há um espelhamento dos Estados Unidos, mas aqui, diferente de lá, há uma suposta “democracia racial”. Nessa perspectiva da BP o racismo é um fantasma que ronda a mente daqueles que buscam uma “justificativa” para o fim da polícia militar no Brasil para continuar com suas “arruaças” sem motivos reais. A resposta dada pela BP é que essas pessoas tem uma luta vazia, com pautas ideológicas que objetivam a arruaça e o fim da militarização da polícia, e, a polícia apenas protege os cidadãos de bens.

Na nossa forma de ver, a resposta para essa pergunta - pelo que essas pessoas lutam - é baseada na História, nas consequências da escravidão que incidem no presente. Esses sujeitos lutam pelo fim do racismo, que direta ou indiretamente atingem as vidas negras ao redor do mundo. Quando tratamos sobre morte da população negra, não falamos a respeito somente sobre a morte física, mas epistêmica, social, econômica, política e cultural, bem como as tentativas constantes de apagamento da memória e da história dessa população.

É possível pelo menos discutir o porquê se pedir o fim da militarização policial quando temos Agatha Felix<sup>41</sup>, Amarildo<sup>42</sup>, João Pedro<sup>43</sup>, Genivaldo<sup>44</sup>, e tantos outros homens, mulheres e crianças negras que são alvejados pelo Estado brasileiro? É preciso reconhecer que a polícia no Brasil tem uma mentalidade problemática que coroa um sistema direcionado para executar certos tipos de pessoas. As balas do Estado são direcionadas, tem alvo certo.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/03/28/caso-agatha-felix-testemunha-diz-que-viu-pm-acusado-por-morte-atirar.ghtml>. Acesso em 28 de set. 2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/02/caso-amarildo-stj-mantem-condenacao-que-obriga-governo-do-rj-a-indenizar-familiares-do-pedreiro-em-r-500-mil.ghtml>. Acesso em 28 de set. 2022.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57121830>. Acesso em 28 de set. 2022.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61574245>. Acesso em 28 de set. 2022.



O racismo é estrutural e estruturante nas relações sociais, o sistema escravocrata deixou seu legado no presente, não acaso que o número de negros em situação de vulnerabilidade econômica, social e política seja crescente, pois há um projeto genocida de extermínio dessa população.

O racismo é real, ele mata, desumaniza, empobrece, desqualifica e deslegitima pessoas pretas e pardas. Ele é legado do sistema escravocrata que se reflete na atualidade. Portanto, é necessário haver uma consciência histórica embasada nesse passado que influencia o presente e o futuro. Precisamos romper com a lógica colonial escravagista de dominação e abusos. É urgente que as vozes negras não sejam mais silenciadas, desacreditadas e deturpadas. Essas tentativas, tal como da BP, só esboçam o quanto o racismo é presente na nossa sociedade ao ponto de lutas sociais serem tidas enquanto inócuas.

Os movimentos pelas vidas negras são legítimos, um movimento de brancos e não-brancos unidos para combater o racismo, buscando a criação de uma cultura antirracista, que priorize a reparação histórica das violências simbólicas e físicas que acometem a população negra. E esse movimento precisa ser implantado nas múltiplas esferas sociais, inclusive na escola. No ensino e aprendizagem histórica, de forma com que nossos estudantes tenham acesso à pesquisa acumulada, aos conteúdos e conceitos relacionados à escravidão e ao racismo. Sobretudo, que nossos estudantes entendam que a história é um processo que envolve mudanças e permanências e que tudo o que foi construído pode ser desconstruído historicamente, especialmente os estereótipos, preconceitos e desinformações.

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís, MONTEIRO, Ana Maria. (Org.). Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

Brasil Paralelo. Vidas (negras) Importam. As grandes minorias (episódio 3). Youtube, 25 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0>>. Acesso em 08 de jun. de 2021.

CHAFUEN, Alejandro. The 2021 Ranking Of Free-Market Think Tanks Measured By Social Media Impact. Forbes. Estados Unidos, 30 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2021/03/30/the-2021-ranking-of-free-market-think-tanks-measured-by-social-media-impact/?sh=335a4b6d77f6>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

Crime in the United States 2011. FBI: UCR. Disponível em: <<https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-usa/2011/crime-in-the-usa-2011/tables/table-43>>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

DIRANI, Claudio. Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo. Revista Esmeril, São Paulo, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/>>. Acesso em: 06 de jun. de 2022.

EDWARDS, Frank et al. "Risk of Police-Involved Death by Race/Ethnicity and Place, United States, 2012-2018." American journal of public health vol. 108,9 (2018): 1241-1248. doi:10.2105/AJPH.2018.304559.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (Org.). Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. Setembro de 2005.

Método nazista: Polícia de Sergipe faz câmara de gás em carro e mata homem negro. Catraca Livre, 26 de maio de 2022. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/metodo-nazista-policia-sergipe-faz-camara-de-gas-carro-mata-homem-negro/>>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

MINNESOTA FREEDOM FUND. Frequently Asked Questions. Disponível em: <<https://mnfreedomfund.org/frequently-asked-questions>>. Acesso em: 09 de jun. de 2022

My Story. Thaddeus Russel. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20220302000130/http://www.thaddeusrussell.com/mystory>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. Psicologia USP, 2006, n. 17, v. 1, 89-98.

PRESE, France. Mais uma estátua de Cristóvão Colombo é derrubada nos EUA. G1, 05 de jul. de 2020. Seção (Mundo). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/05/mais-uma-estatuade-cristovao-colombo-e-derrubada-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Considerações sobre a construção da história escrita, ensinada e divulgada através da matriz disciplinar de Jörn Rüsen. Diálogos (On-line), v. 22, p. 32-54, 2018.

REDAÇÃO BOLETIM. Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. Boletim da Liberdade, São Paulo, 19 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

ROCHA, João Cezar de castro. Guerra Cultural e Retórica do ódio. Crônicas de um Brasil pós-política. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2022.

RÜSEN, Jörn. Pragmática - a constituição do pensamento histórico na vida prática 53-67. In: RÜSEN, Jörn. Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da razão histórica, Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAAD, Layla F. Eu e a supremacia branca. Como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

Sobre Nós. Brasil Paralelo. Seção (Sobre). Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

TADDEU, Eduardo. Balas Endereçadas. São Paulo: Auto-generated, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9BaD8oG4SD0>>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

Von BORRIES, Bodo. Relação entre Sociedade, História e ensino de História. Abordagem pela Competência, o "Pensamento Histórico" como uma nova tentativa de aproximação em o mundo dos alunos. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. Jovens e consciência histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2018.